

AS ACTIVIDADES FÍSICAS E DESPORTIVAS TÊM SEXO? O GÉNERO NO DESPORTO

Paula Silva
Paula Botelho-Gomes
Paula Queirós

Universidade do Porto - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física

INTRODUÇÃO

O que primeiro caracteriza um novo ser humano advém da dicotómica classificação mulher/homem. Nasce-se rapariga ou rapaz. Esta diferença natural dos sexos parece ser apenas o “ponto de partida” para um desenvolvimento infinito de sentidos que a diferença entre géneros assume nos mais variados aspectos da vida social. A natureza dá o “dois” e as culturas inventam uma multiplicidade de declinações possíveis desta dualidade (Agacinski, 1999), isto é, a natureza dá a diferença mas a leitura dessa diferença produz o par universal masculino/feminino e cada sociedade inventa construções culturais e organizações sociais que combinam diversamente o masculino e o feminino (Héritier, 1998).

Um ser humano é classificado como sendo do sexo masculino ou feminino, não surgindo outras alternativas de natureza biológica. Mas a dualidade de género não pode ser considerada uma simples relação de oposição binária masculino - feminino. O género deve ser entendido como um processo, perspectivado como uma construção histórica das relações de poder entre homens e mulheres, e deve contemplar definições plurais de masculinidade e feminilidade (Connell, 1990). Assim, como constructo social, o conceito de género varia ao longo do tempo e de cultura para cultura.

A distinção e a interacção entre sexo e género ou entre biologia e cultura não são claras. Na verdade não podemos definir com precisão onde acaba o domínio da biologia e começa o da cultura, além de que parece evidente que o significado de uma diferença sexual biológica também pode variar consoante a cultura (Fasting, 1992). Se por um lado a biologia por si só não providencia claras justificações de uma dicotómica visão de sexo, por outro a sua interacção com a cultura parece ser constante, complexa e frequentemente não reconhecida. Estes aspectos não podem ser ignorados no contexto do desporto onde ainda permanece pouco claro se as diferenças de capacidades biológicas e fisiológicas entre homens e mulheres são produto de características inatas e/ou de aspectos culturais (Hall, 1990).¹

¹ As explicações fundamentadas no género enquanto construção cultural são frequentemente colocadas em oposição às justificações de natureza biológica, dado a biologia ser vista como algo fixo e inalterável enquanto que os aspectos sociais podem ser contestados e modificados.

O desporto é um mundo não só sexuado mas também “genderizado”. Sexuado, porque é constituído por pessoas de ambos os sexos que praticam desporto; “genderizado” uma vez que é também nesse mundo que se constroem e se expressam identidades, masculinas e femininas. E no desporto, como em outras dimensões culturais, o masculino e o feminino assumem valores distintos. A predominância do masculino no mundo do desporto tem raízes históricas, culturais e políticas. A prática desportiva foi concebida por homens e para homens e a presença feminina foi sendo lentamente tolerada.

Parece que, ainda hoje, no desporto, persiste a dominância de um inconsciente androcêntrico tanto entre homens como entre mulheres. Para Bourdieu (1999:35) o princípio de visão dominante “não é uma simples representação mental, um fantasma (“ideias na cabeça”), uma “ideologia”, mas um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos”, estando a dominação masculina de tal modo presente, tecida no nosso inconsciente, que não nos interrogamos sobre ela e, ao ir de encontro às nossas expectativas, a simples hipótese de a questionar é algo difícil de levar a cabo.

O desporto é um mundo onde o conhecimento, alicerçado em relações de poder, não é neutro, em que a quase totalidade desse conhecimento é construído, validado e representado por homens (Scraton, 1997). E, pese embora o aumento de oportunidade de participação, tanto de homens como de mulheres, nas mais diversificadas actividades desportivas, muitas destas ainda continuam a padecer de uma estereotipização de género. Ainda é veiculada a ideia de que certas actividades físicas e desportivas são mais adequadas a raparigas e outras a rapazes; ideia subjugada a uma arcaica tradição aristotélica, que associa os homens às actividades mais activas (*princípio*) e as mulheres às mais passivas (*elemento*).

UMA HEGEMONIA MASCULINA DOMINANTE NO DESPORTO

A percentagem de mulheres praticantes continua a ser substancialmente inferior à dos homens. No caso português, enquanto 34 em cada 100 homens desenvolvem uma actividade desportiva só 14 em cada 100 mulheres do mesmo grupo etário (dos 15 aos 74 anos) o fazem; se considerarmos a participação no âmbito do desporto federado temos 7% de mulheres para 24% de praticantes masculinos (Marivoet, 2001).

De qualquer modo parece ser indiscutível que nunca foram tantas as oportunidades da mulher praticar desporto como na actualidade, podendo optar por uma variedade, sempre crescente, de actividades físicas e desportivas. Numa visão algo optimista, pode-se interpretar esta mudança nos perfis desportivos das mulheres como um factor propiciador de alterações nas tradicionais estruturas desportivas, marcadamente masculinas. Mas o que parece ser uma tendência de alteração de padrões culturais e comportamentais pode não passar de uma interpretação distorcida da realidade, de uma ilusão. Provavelmente constitui somente uma nova configuração de um

processo de poder que também inclui cedências e negociações dos grupos dominantes. Como que imbuído de um instinto de sobrevivência, este processo de poder, tal como as próprias estruturas no qual se edifica e sustenta, é não só sensível a mudanças e pressões que o possam afectar, como parece ser capaz de adoptar novos modelos conceptuais e/ou organizacionais, que rapidamente assume como seus, e pelos quais, com novas formas dissimulatórias, assegura a sua continuidade. Parece assim claro que a hegemonia², enquanto estrutura de poder, é sempre um processo e não uma forma de dominação simples e passiva, levando-nos aquele conceito a reflectir sobre a forma como se produzem, reproduzem, contestam e modificam os significados que legitimam a dominação masculina no desporto (Hargreaves, 1993).

A hegemonia masculina não pode ser considerada como algo estático mas como um processo que, embora frequentemente contestado, desenvolve formas adaptativas e reconstrutivas. Mas Connell (1990) reformula esta noção de hegemonia masculina ao afirmar existir uma forma dominante de masculinidade que se traduz por uma normativa e exclusiva heterossexualidade e por um poder físico. O desporto desempenha um poderoso papel na reprodução da hegemonia masculina dado constituir um lugar privilegiado da construção social da masculinidade (Whitson, 1990). Kimmel (1990) dá disso um exemplo claro no seu estudo acerca da reconstituição da masculinidade americana no basebol: não foi só a masculinidade que foi reconstituída pelo desporto mas um tipo particular de masculinidade, a branca e de classe média, uma masculinidade que reforça uma distribuição desigual do poder baseada na classe, na raça e no género.

A definição de masculinidade parece não mais passar pelo singular do seu termo e muito menos pela simples negação do seu pretensio oposto, a feminilidade. A estes dois conceitos plurais associa o senso comum um terceiro: a sexualidade. Se perspectivarmos estes conceitos no âmbito das práticas desportivas essa associação é ainda mais marcante. Parece existir uma visão dominante que associa não só a feminilidade e a masculinidade a distintos comportamentos e atitudes estereotipados na nossa sociedade ocidental, como a uma normativa heterossexualidade. Todos os comportamentos, atitudes, movimentos, expressões e morfologias que fogem aos padrões estereotipados de feminilidade desenvolvem uma suspeição quanto à orientação sexual dessa mulher. Semelhante associação é gerada no masculino



A HOMOFOBIA E O REFORÇO DE ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO NAS ACTIVIDADES FÍSICAS E DESPORTIVAS

Parece evidente que a nossa sociedade se rega por uma cultura homofóbica que se expressa em diversos domínios entre os quais o das práticas de actividades físicas e desportivas.

2 Para Gramsci(1891-1937) hegemonia descreve uma forma de controlo mais persuasivo do que coercivo, dependente da produção e manutenção de valores e crenças em que se apoiam as estruturas de poder e as relações sociais existentes, operando essencialmente de um modo subtil como uma forma de persuasão ideológica.

Homofobia pode definir o medo ou o desprezo pelos homossexuais mas esta definição não capta o seu real significado nos nossos dias. Homofobia raramente assume o seu significado literal de verdadeira fobia ou medo do seu semelhante como o termo grego “homos” sugere. Esta palavra é comumente usada com um significado mais abrangente, referindo-se ao receio das próprias pessoas serem homossexuais e, principalmente, de que os/as outros/as pensem que elas o são. Ao falarmos de homofobia estamos implicitamente a falar de heterossexismo³ e de uma institucionalizada orientação sexual de cada pessoa. Numa sociedade heterossexista todas as pessoas são consideradas heterossexuais até prova em contrário. Tal como o sexismo e o racismo, o heterossexismo discrimina e ostraciza pessoas.

A homofobia pode reforçar os estereótipos ligados ao género e influenciar a prática só no grupo de actividades desportivas consideradas “apropriadas ao género” (Coakley, 1994), condicionando, deste modo, a participação de rapazes e de raparigas noutras actividades físicas e desportivas. Alguns estudos (Young, 1997; Scraton *et al*, 1999) salientam a complexa relação entre o praticar um desporto tradicionalmente masculino e as construções de feminilidade e de sexualidade. O clima homofóbico no desporto pressiona as mulheres atletas a apresentarem uma imagem feminina heterossexual que evite suspeitas e confrontações (Cox & Thompson, 2000), como também parece exercer uma vincada necessidade de rapazes e homens reforçarem a imagem da sua masculinidade quando os padrões de movimentos das actividades desportivas que praticam não lhe estão associados (Williamson, 1996).



A 'GENDERIZAÇÃO' DO CORPO NO DESPORTO

Quando falamos de corpo, referimo-nos a um corpo que excede o corpo físico objectivo: é uma corporalidade sentida e vivenciada, com direito a subjectividades, com uma história, construída social e culturalmente (Botelho Gomes, 2002) e, assim, são múltiplos os corpos que se vão construindo discursivamente e intersubjectivamente, segundo a influência da ciência, das instituições, dos meios de comunicação e informação, marcados pela sexualidade, classe social, pela estética e pela reprodução (Kirk, 1993).

Os corpos do desporto são também corpos que assumem uma pluralidade de formas, que desenvolvem uma multiplicidade de movimentos, que exprimem e desencadeiam sentimentos e emoções, mas muitas vezes são corpos contidos, subjugados, censurados. Contidos nas suas expressões, subjugados nas formas que podem apresentar e censurados nos movimentos que produzem. E é, antes de tudo, o carácter sexuado dos corpos que limita as suas vivências e encaminha a sua orientação desportiva. É o caso, por exemplo, do simbolismo de masculinidade e feminilidade nas imagens desportivas.

³ Heterossexismo descreve uma atitude mental que primeiro categoriza para depois injustamente etiquetar como inferior todo um conjunto de pessoas que não correspondem à esperada heterossexualidade.

Parece óbvia a existência de uma relação de conflito entre a participação em desportos vigorosos e as ditas imagens de feminilidade, não surpreendendo, portanto, que sejam consideradas actividades adequadas ao feminino o ténis, a ginástica, a patinagem artística ou a natação. São actividades desportivas mediatizadas pelas revistas populares femininas que apresentam as mulheres em poses atractivas, sexualmente provocatórias, e como produto agradável ao “consumo” masculino. São actividades que, não chocando com a “essência feminina”, parecem fazer melhorar a figura corporal e, se combinadas com outros cuidados a ter com o corpo (dietas, tratamentos ao cabelo e à pele), tornam a mulher mais atractiva (Hargreaves, 1993). A mulher sente-se presa a uma imagem corporal que os/as outros/as modelam para si. O corpo feminino parece ser um corpo condicionado pelos olhares que avaliam as suas formas, que determinam os seus movimentos e enaltecem a sua graciosidade e fragilidade. Corpos femininos fortes e musculosos são corpos para os quais o olhar não foi educado. Mas o olhar também julga a aparência do corpo masculino, e quando a figura corporal ou os movimentos que este corpo (re)produz não são condizentes com a masculinidade esperada, o homem sofre as consequências de pretensas associações quanto à sua orientação sexual.

A articulação simbólica das diferenças entre homens e mulheres nas imagens desportivas tem um importante efeito de controlo sobre a participação desportiva das pessoas. A imagem mais veiculada de uma dominância da identidade masculina apresentam, em geral, sujeitos dinâmicos, em acção, envolvidos numa prática vigorosa ou, se não estão a realizar nenhuma acção em concreto, pela sua própria pose sugerem actividade: músculos bem definidos, fortes, em tensão. A mensagem que parece passar acentua a afirmação de John Berger: os homens actuam e as mulheres aparecem. Claro que as imagens dominantes não são as únicas existentes. No desporto, como qualquer outra instância cultural, constantemente surgem imagens variadas e alternativas de feminilidade, o que permite compreender melhor a natureza da referida hegemonia masculina no desporto (Hargreaves, 1993).

O modo convencional de pensar as mulheres e o desporto é regido pela ideia de “trazer mais mulheres para o desporto”, e, assim, as mulheres são subtilmente pressionadas a mudar o seu comportamento – a tornarem-se mais afirmativas, mais seguras, aprenderem novas formas de estar e actuar de modo a poderem usufruir e singrar nas oportunidades disponíveis (Talbot, 2001). Seria preferível um outro modo de pensar, em que todos os esforços deveriam ser desenvolvidos no sentido de tornar o desporto algo mais intrínseco às próprias mulheres, o que inevitavelmente implicaria uma mudança nos procedimentos e estruturas que regem as formas como hoje o desporto é concebido e vivido.

METODOLOGIA

Este estudo teve por objectivo analisar o modo como alunos e alunas classificam os desportos segundo o género. Para o efeito foram utilizadas questões de resposta aberta (ver anexo) inspiradas numa versão adaptada do *Sport Attitude Survey* (Soos & Rex, 1999; versão original de Brettscheider & Rees). Para o tratamento da informação recolhida além da utilização de uma análise estatística descritiva, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo tendo o processo de categorização sido efectuado *a posteriori*. A amostra foi constituída por 224 discentes (124 do sexo feminino e 100 do sexo masculino) do 9º ano de escolaridade de várias escolas do distrito do Porto.

RESULTADOS

Se a concordância com a afirmação de que há desportos “não adequados” para rapazes/raparigas for perspectivada como uma medida aceitável de uma estereotipização de género no desporto, os resultados deste estudo sugerem que a estereotipização dos desportos para raparigas é a mais frequente (quadro 1). As opiniões captadas sugerem uma mais forte estereotipização dos desportos praticados no feminino particularmente quando nos reportamos às opiniões dos rapazes: 46% dos rapazes concorda com a afirmação de que certos desportos são inadequados para a prática feminina enquanto 28,3% concordam com similar afirmação acerca dos desportos para rapazes (quadro 1). Interessante verificar a inversão desta ordem quando analisamos as opiniões expressas pelas raparigas: enquanto 19,4% das inquiridas concorda existirem desportos desadequados à prática feminina, 25,8% entendem que há desportos que os rapazes não devem praticar. Ou seja, tanto eles como elas apresentam uma visão mais estereotipada quanto ao género da prática de actividades desportivas quando se reportam a praticantes do outro sexo, sendo menos acentuada esta estereotipização para praticantes do seu sexo.

A análise dos dados permite também constatar quais são os desportos mais comumente considerados inadequados para raparigas e rapazes. No que respeita às referências acerca dos desportos não adequados a rapazes e a raparigas a análise dos dados afigura-se bastante clara e parece ir de encontro à vulgar assunção da ‘genderização’ do desporto.

Quadro 1: Percentagem de alunos e alunas que discordam e concordam da existência de desportos adequados a rapazes e raparigas, e quais os desportos considerados inadequados a cada sexo.

	Desportos não adequados para rapazes (%)		Desportos não adequados para raparigas (%)	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Discordo	69,7	73,4	53,0	79,8
Concordo	28,3	25,8	46,0	19,4
	Ballet 34,7	Ballet 35,3	Boxe 20,8	Futebol 30,8
	Aeróbica 24,5	Ginásticas 35,3	Râguebi 19,5	Boxe 12,8
		Aeróbica 13,7	Futebol 15,9	

Um estudo desenvolvido em três países (Alemanha, Estados Unidos e Nova Zelândia), com o objectivo de comparar o grau segundo o qual o desporto é uma actividade ‘genderizada’, e especificamente sobre o que os/as jovens pensam acerca de desportos não apropriados para mulheres e homens, apresenta algumas modalidades comuns nas listas de desportos mencionados como não adequados a rapazes – as ginásticas, o ballet, a aeróbica e a patinagem artística (Brandl-Bredenbeck, 2001). A referida investigação desenvolve uma comparação transcultural centrada nos estereótipos de género como componente universal do desporto, e verifica que os desportos que os/as adolescentes dos três países consideram inadequados para homens e mulheres são basicamente os mesmos, ou seja, é muito similar o que eles/elas em três culturas distintas entendem ser “desportos femininos” e “desportos masculinos”. Também os/as nossos/as alunos/as elegem o mesmo tipo de desportos como não adequados à prática masculina reforçando a “genderização” destas actividades físicas e desportivas (ballet, ginásticas e aeróbica), o que, conseqüentemente, nos leva a reflectir acerca das dificuldades que os rapazes têm que enfrentar quando investem nestas modalidades. Os desportos referidos como não adequados à prática feminina caracterizam-se por implicarem um contacto físico considerado mais agressivo. O boxe e o futebol são desportos referidos tanto pelos rapazes como pelas raparigas: boxe – rapazes 20,8%, raparigas 12,8%; futebol – rapazes 15,9%, raparigas 30,8%. Enquanto que as raparigas elegem o futebol como a actividade não adequada à prática feminina, os rapazes apontam mais frequentemente o boxe.

ACTIVIDADES FÍSICAS NÃO ADEQUADAS AO GÉNERO MASCULINO



A voz das raparigas

A relação entre o desporto e a sexualidade é referida apenas quando os/as alunos/as justificam a não adequação de determinadas actividades físicas e desportivas (AFD) aos rapazes. A ideia dominante expressa por elas é que a prática dessas AFD determinará a orientação sexual dos rapazes praticantes. Assim, a matriz heterossexual parece também estruturar as práticas de AFD. Aos rapazes que praticam actividades como o ballet ou a ginástica de academia associa-se a ideia de homossexualidade. Não que as raparigas inquiridas afirmem a homossexualidade dos rapazes que praticam esse tipo de AFD, mas consideram existir uma grande possibilidade não só de os/as outros/as assim os considerarem - *logo se praticar ballet habilita-se a ser chamado de “maricas”, às vezes podem parecer até homossexuais*. Para elas as práticas destas AFD parecem também poder influenciar a própria orientação sexual dos rapazes e, neste sentido, eles não as devem praticar *porque têm tendência a virar gays*.

Neste grupo de inquiridas algumas justificações de AFD não adequadas aos rapazes recaem também na questão do corpo e na inadequação do corpo masculino para este tipo de práticas.

Actividades como a aeróbica não parecem adequadas aos homens ou porque os padrões de movimento não se ajustam aos característicos dos homens uma vez que eles *não têm jeito para movimentar o corpo*, ou porque os rapazes não têm de ter preocupações de natureza estética, dado que *todos os rapazes têm o seu corpo feito e não precisam de queimar calorias, nem de o emagrecer*. Se, por um lado, o corpo masculino não se compadece com movimentos vulgarmente associados ao ritmo, à música, à elegância e a uma expressão estética do movimento corporal, por outro lado, parece ser um corpo que vai de encontro às expectativas: é um corpo que não precisa de se esforçar para ser o corpo que todos/as entendem ser um corpo masculino.

A voz dos rapazes

As justificações que os rapazes apresentam são similares às apresentadas pelas raparigas. Principalmente o ballet e a aeróbica mas também as ginásticas e a patinagem artística, além de serem considerados pelos alunos inquiridos como *desportos estúpidos, são para mulheres* dado serem *desportos muito femininos e porque são muito adequados ao corpo feminino e não para o masculino*. Para os praticar *é preciso tiques gays* e os rapazes e homens que os praticam *parecem homossexuais*.

Parece clara a associação do ballet, enquanto actividade motora, a um padrão de movimento que se assume como que exclusivo da mulher e da sua feminilidade. Entende-se existirem movimentos corporais classificados como ‘femininos’ os quais o homem não deve (re)produzir com risco de se duvidar da sua esperada e normativa heterossexualidade. Estas opiniões reflectem o ambiente homofóbico no desporto reforçando os estereótipos de género na práticas das actividades desportivas.



ACTIVIDADES FÍSICAS NÃO ADEQUADAS AO GÉNERO FEMININO

A voz das raparigas

Como afirma Louveau (2000), o facto das mulheres se dedicarem maioritariamente às disciplinas “graciosas” e repudiarem os desportos “viris” é visto como fruto da sua liberdade de escolha, o que, nos países ocidentais, já não se questiona; mas esta propensão não é mais que uma construção social que regulamenta as representações e as práticas “aceitáveis” do corpo e que perpetua a divisão dos papéis: para os homens o “fazer”, para as mulheres o “comprazer”.

As justificações dadas pelas raparigas centram-se fundamentalmente em questões relacionadas com o corpo, com a violência associada a este tipo de actividades desportivas, com o facto de a actividade apresentar *muitos movimentos masculinos*, ou pelo simples argumento apresentado a propósito do futebol: *as raparigas não têm jeito*. O corpo da mulher praticante de desportos de luta é visto como um corpo musculoso, um corpo disforme, e, na generalidade das razões

descritas pelas inquiridas, emerge a ideia de que *uma rapariga não precisa de ganhar músculo* dado que *uma mulher com músculos fica horrível*. Poderemos entender estar aqui presente o reflexo de uma educação do olhar o corpo, e como este se rege por diferentes padrões estéticos consoante o sexo. Estereotipada uma imagem de beleza do corpo da mulher, esguio, elegante, de formas suaves, frágeis e delicadas, o corpo da luta ao qual se associa a força é visto como um corpo de formas rudes, agrestes, mesmo violentas e por isso um corpo forte que a mulher não precisa e não deve desenvolver. Não devem as raparigas praticar boxe, halterofilia ou culturismo porque *não é muito o género das mulheres*, dado que *as raparigas que praticam esse tipo de desporto (halterofilia) ficam muito musculosas e não gosto de raparigas muito musculosas, muitos músculos é para os rapazes*, até porque *as raparigas são mais frágeis do que os rapazes* e desportos como o boxe e a luta livre *são muito violentos e disformam o corpo todo*. O futebol americano faz parte dos desportos que *são demasiado brutos*, mas mesmo o rãguebi, o futebol e o andebol são considerados *muito violentos* e por isso mencionados por algumas inquiridas como não adequados a raparigas. “Mostrar ou exercer a sua força, entregar-se a um combate, dar ou levar golpes e assumir riscos corporais são atributos que as mulheres parecem não poder fazer seus e que, portanto, pertenceriam, em exclusivo, à masculinidade” (Louveau, 2000).

A voz dos rapazes

Os rapazes entendem o boxe e o rãguebi como desportos desadequados para a prática das raparigas porque *são desportos que envolvem muita força* que *algumas raparigas podem não ter* dado que *são frágeis* ou *fracas*, e *alguma violência* para a qual *a maior parte das mulheres não estão dispostas como os homens*. Enfim, são desportos que elas não devem praticar porque *é preciso cabedal*, mas não são os únicos referidos. O futebol também é considerado desadequado à prática feminina por razões inerentes ao seu corpo, *por causa do físico* por serem *mais fracas*, mas igualmente *porque as raparigas em regra geral não têm jeito para jogar* ou mesmo *não sabem jogar* e por isso *dão uma má imagem do que é o futebol*. Outras actividades desportivas são ainda referidas e justificada a não adequação da sua prática por parte das raparigas: luta livre - *satam de lá todas partidas*, o andebol (e futebol) – *exigem força de vontade*, musculação – *porque caem sempre para o lado*, o hóquei no gelo – *são muito violentos para raparigas*, e o basquetebol (e futebol) – *porque não têm apetência e agilidade para estes desportos*.

Na verdade as raparigas não se sentem confortáveis na prática de desportos considerados como agressivos ou vistos culturalmente como masculinos e inapropriados para “o corpo da mulher” (Scraton, 1997; Williamson, 1996).

Ainda presente como se de uma característica intrínseca ao ser mulher se tratasse, a fragilidade do seu ser e do seu corpo assume-se como inquestionável e determinante para uma classificação de alguns desportos como violentos (desportos de luta, o futebol, andebol e o

râguebi) e, por isso mesmo, para o qual “o físico da mulher não é muito adequado”. O desporto parece ter sempre contribuído para o mito da “fragilidade feminina” e este estereótipo foi usado (e parece ainda o ser, acrescentamos nós) como um argumento para excluir a participação das mulheres ou admiti-la mas de forma condicionada e restrita (Theberge, 1997).

CONCLUSÕES

No contexto do presente trabalho são possíveis as seguintes conclusões:

- Verifica-se um percentual não negligenciável de inquiridos/as que concordam existirem actividades físicas e desportivas como não adequadas a um e a outro sexo. As justificações apresentadas centram-se fundamentalmente numa visão estereotipada do corpo masculino e do feminino e numa visão normativa de padrões de movimento de masculinidade e de feminilidade das diferentes modalidades desportivas.;
- As estereotípias são menos expressivas quando se referem a indivíduos do mesmo sexo, e mais acentuadas quando os juízos se reportam ao sexo oposto, principalmente quando a apreciação é feita pelos rapazes;
- O Ballet, a Aeróbica e as Ginásticas são consideradas actividades não adequadas aos rapazes; o Futebol, o Boxe e o Râguebi são entendidas como não adequadas às raparigas;
- Quando os rapazes praticam modalidades tidas como inadequadas ao seu sexo (re)produzem movimentos associados ao feminino que parecem desencadear dúvidas quanto à sua esperada heterossexualidade. Esta situação reflecte um ambiente homofóbico no desporto e reforça estereótipos de género na prática de AFD;
- As raparigas ao praticarem actividades consideradas inapropriadas ao seu sexo contrariam o mediático modelo de corpo feminino, elegante e belo, e colocam em risco este corpo “naturalmente” frágil.

Estas vozes de alunos e alunas sobre o desporto e o género convidam-nos a repensar a nossa participação como educadores/as na “degenderização” do desporto.

Bibliografia

- Agacinski, S.** (1999). *Política dos Sexos*. Oeiras: Celta Editora.
- Bordieu, P.** (1999). *A dominação masculina*. Oeiras: Celta Editora.
- Botelho Gomes, P.** (2002). Corpo categoria central em Educação Física: encruzilhadas e desafios. Palestra apresentada na Semana Internacional em Ciências da Actividade Física e Desporto, Maputo 22-26 Abril 2002 organizada pela FCEFD-UPM, FCDEF-UP e Faculdade de Medicina – UEM. Mocambique.
- Brandl-Bredenbeck, H.** (2001). Globalization and Gender Stereotyping in Sport – A Comparison of German, New Zealand and US-Youth. In *Book of Abstracts do AIESEP International Congress* (253-255). Madeira.
- Coakley, J.** (1994). *Sport in Society: Issues and controversies*. Baltimore: Mosby.
- Connell, R.** (1990). An Iron Man: The Body and Some Contradictions of Hegemonic Masculinity. In Michael A. Messner, Donald F. Sabo (Eds). *Sport, Men and Gender Order* (83-96). Champaign, Ill: Human Kinetics.
- Cox, B.; Thompson, S.** (2000). Multiple Bodies. Sportswomen, Soccer and Sexuality. *International Review for the Sociology of Sport*, 35, 5-20.
- Fasting, K.** (1992). El Género como Perspectiva Importante en el Estudio de la Sociología del Deporte. *Apuntes Unisport Andalucía*, 256, 51-60.
- Hall, A. M.** (1990). How Should We Theorize Gender in the Context of Sport?. In Michael A. Messner, Donald F. Sabo (Eds). *Sport, Men and Gender Order* (223-240). Champaign, Ill: Human Kinetics.
- Hargreaves, J.** (1993). Promesa y Problemas en el ocio y los deportes femeninos. In J. I. Barbero (Eds.). *Materiales de Sociología del Deporte* (109-132). Madrid: Las Ediciones de La Piqueta.
- Héritier, F.** (1998). *Masculino / Feminino*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Kimmel, M.** (1990). Baseball and the Reconstitution of American Masculinity, 1880-1920. In Michael A. Messner, Donald F. Sabo (Eds). *Sport, Men and Gender Order* (55-66). Champaign, Ill: Human Kinetics.
- Kirk, D.** (1993). *The body, schooling and culture*. Victoria: Deakin University Press.
- Louveau, C.** (2000). Mulheres desportivas, corpos desejáveis. *Le Monde Diplomatique – Edição Portuguesa*, 19, 20-21.
- Marivoet, S.** (2001). *Hábitos Desportivos da População Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos do Desporto (Ministério da Juventude e do Desporto).
- Scraton, S.** (1997). The Sporting Lives of Women in European Countries: Issues in Cross-national Research. In G. Clarke, B. Humberstone (Eds.). *Research Women and Sport* (183-198). London: Macmillan Press.
- Scraton, S.; Fasting, K.; Pfister, G.; Bunuel, A.** (1999). It's Still a Man's Game? The Experience of Top-Level Women Footballers in England, Germany, Norway and Spain. *International Review for the Sociology of Sport*, 34, 99-111.
- Soos, I.; Rex, T** (1999). Sport and Youth Culture on Opposite sides of the World (Similarities and Differences in the Sport and Youth Culture of Hungary and New Zealand). In *Abstracts Book of 14th ISSA Symposium* (53-54). Budapest, Hungary.
- Talbot, M.** (2001). Sem limites: com excepção dos limites impostos pelos outros?: o papel da educação no desenvolvimento do desporto para as mulheres. *ex aequo*, 4, 27-40.
- Theberge, N.** (1997). ½It's part of the game½ physicality and the production of gender in women's hockey. *Gender and Society*, 11, 69-87.
- Whitson, D.** (1990). Sport in the Social Construction of Masculinity. In Michael A. Messner, Donald F. Sabo (Eds). *Sport, Men and Gender Order* (19-30). Champaign, Ill: Human Kinetics.
- Williamson, K.** (1996). Gender Issues. In S. J. Silverman and C. D. Ennis (Eds.), *Student Learning in Physical Education* (81-100). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Young, K.** (1997). Women, Sport and Physicality. *International Review for the Sociology of Sport*, 32, 297-305.